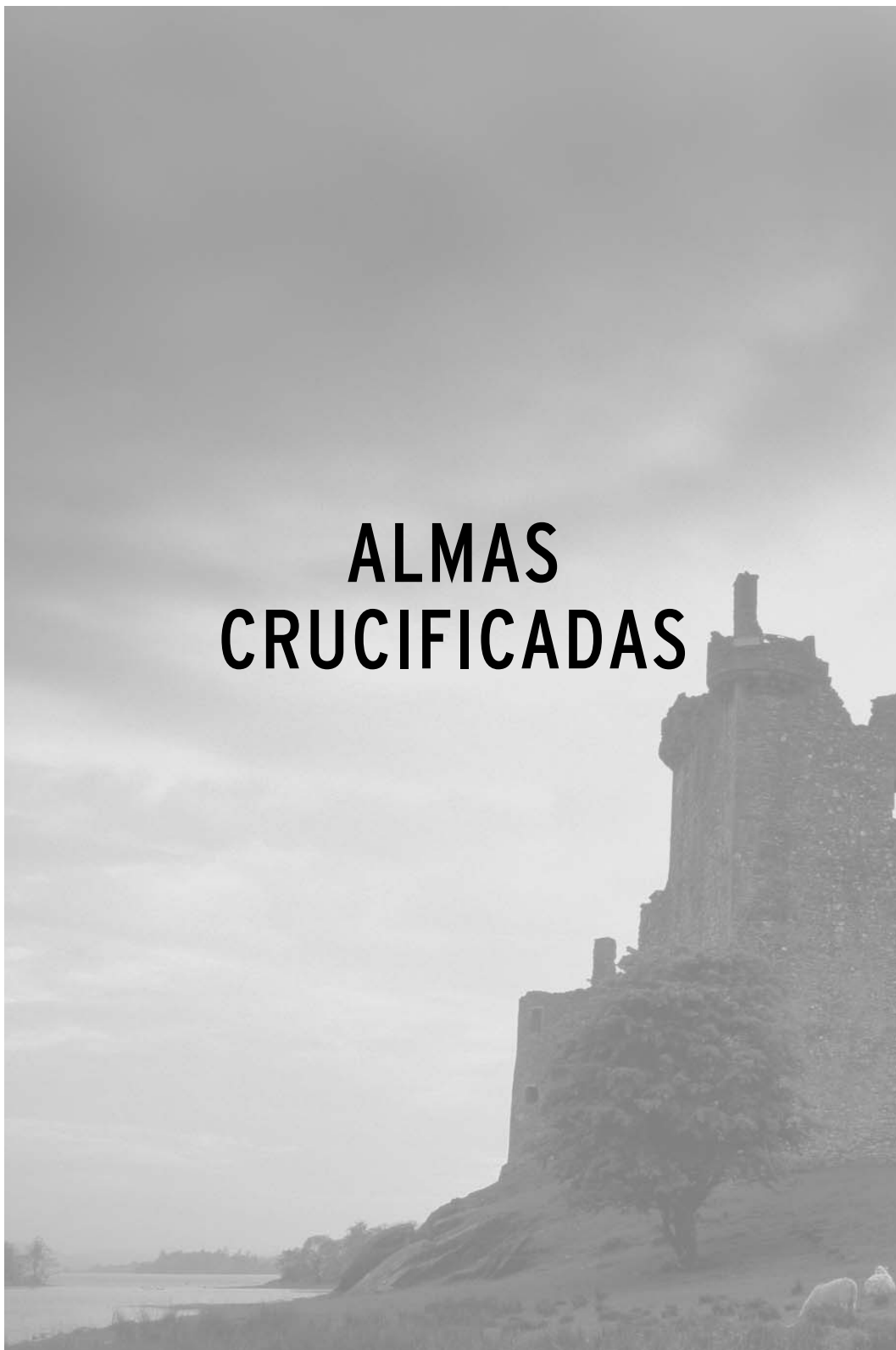
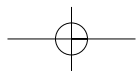
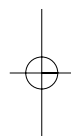
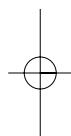
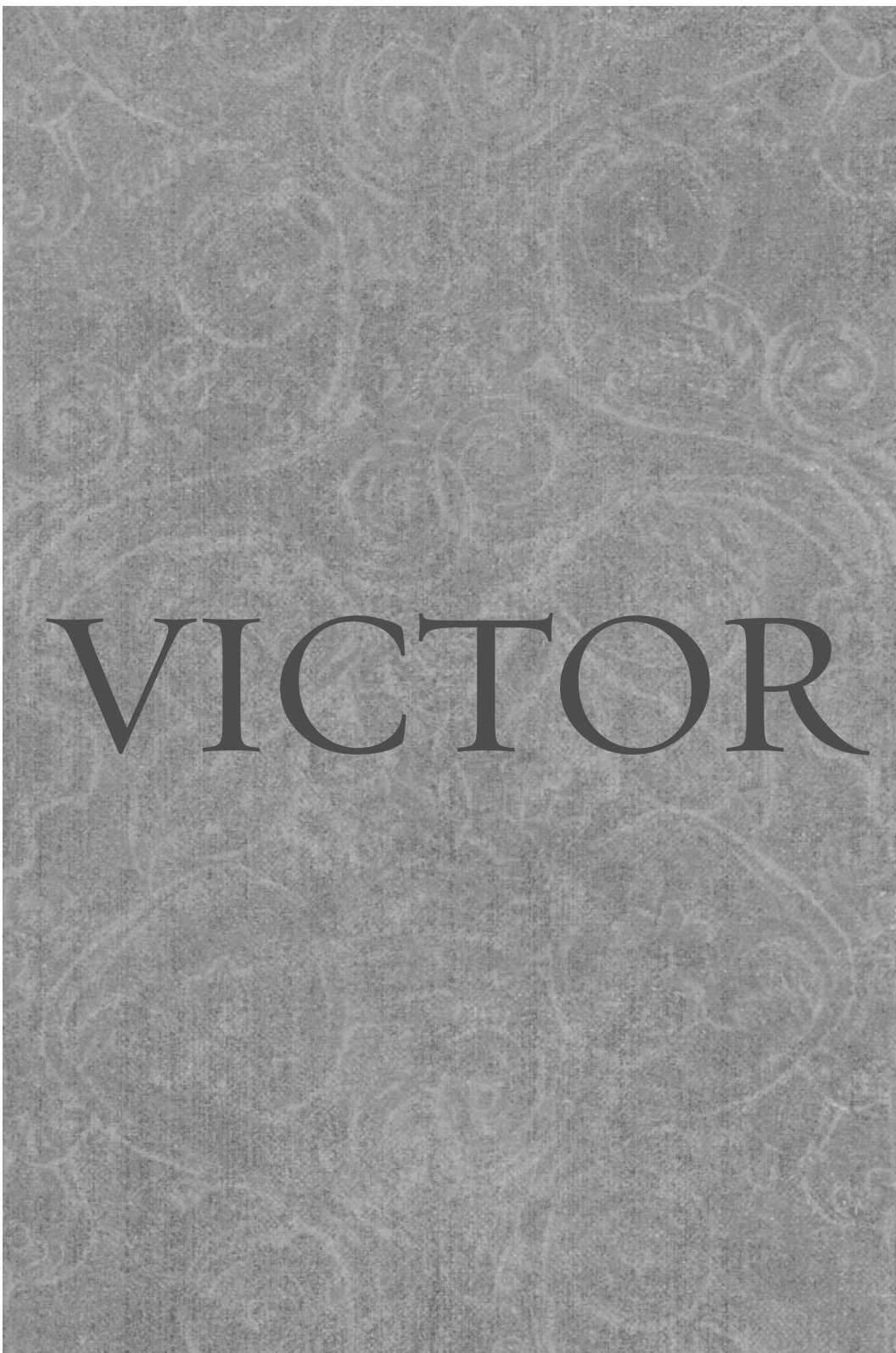


ALMAS CRUCIFICADAS





ALMAS CRUCIFICADAS

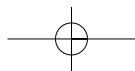
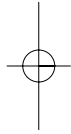
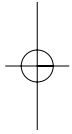
HUGO

NOVELA PSICOGRAFADA POR

Zilda Gama

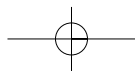
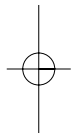
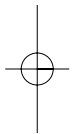
feb

Federação Espírita Brasileira



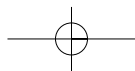
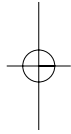
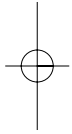
Sumário

- 7 LIVRO I
Na pista da verdade
- 59 LIVRO II
Sonhos funestos e realidades pungitivas
- 143 LIVRO III
Desenganos e reparações
- 165 LIVRO IV
Os impulsos do destino
- 213 LIVRO V
Trama do destino
- 253 LIVRO VI
A execução das Leis Supremas
- 289 LIVRO VII
Quando o destino impera
- 359 LIVRO VIII
Lutas e conquistas espirituais



LIVRO I

Na pista da verdade



Remontemos ao passado, esse oceano infindo, que parece extinto, e, no entanto, se reúne a outro, também imensurável – a Eternidade porvindoura, e subsiste alhures, gravado no bronze divino e imortal da alma humana...

Sondar o passado é descer, lentamente, com o escafandro mágico do pensamento, ao abismo desse profundo oceano, para trazer à tona das vagas revoltas, que as contêm, as lúcidas pérolas das recordações milenárias. Façamos, pois, qual audaz pescador de preciosidades, e aprofundemos, no confuso Mediterrâneo do passado, o próprio pensamento, essa fagulha estelar, prova insofismável do átomo celeste que existe em nosso âmago, lucificando o negror das paixões e das amarguras terrenas, dando-nos a certeza de que somos realmente herdeiros siderais, confiantes de que o Universo pertence às centelhas divinas, de igual modo que os mais quantiosos erários dos potentados passam aos legítimos sucessores... Penetremos no vetusto solar de um denodado titular, o conde de Morato, Tasso Solano, nos términos das Cruzadas, dos lances cavaleirescos, das heroicidades béli-

cas... cujas façanhas estão em antítese às Leis Divinas, e, no entanto, receberam o aplauso de quase todos os que deles tiveram conhecimento...

Era esse alcáçar uma sólida construção de alvenaria, que já pertencera a diversos senhores e desafiava os séculos, tendo então origem remota e obscura. Pertencia, na época a que nos reportamos, a uma família de heráldicos descendentes de famosos romanos, que ali se aninharam, em busca de serenidade espiritual, já que as águias altaneiras, batidas pelas devastadoras borrascas, se recolhem nos ápices das cordilheiras, ansiosas de ar livre, de luz, e, principalmente, de liberdade... temendo os seus mais cruéis e invencíveis adversários – os audazes caçadores.

Possuíam os condes de Morato, nobres de estirpe e regiamente abastados, um único descendente, Cláudio Solano, de gênio indecifrável e instintos de aventureiro.

Ali se localizaram, em tempos idos, almejando paz, mas vivendo agitados, em incessantes refregas com os naturais da Dalmácia,¹ os progenitores de Cláudio Solano, procedentes de notáveis servidores da pátria, decaídos do fastígio real, por discórdias políticas. Temerosos de prováveis represálias, buscaram abrigo em acidentada região, pouco distante do Adriático. Uma tarde, fitando a névoa que provinha da praia, no início do inverno, com os olhos turvos pela bruma da saudade, pela neblina da nostalgia – embora exilado voluntariamente da pátria bem-amada, que não convinha rever –, o velho conde de Morato murmurou:

¹ Região da Croácia na costa leste do mar Adriático.

– Estou apartado da terra idolatrada, sim, mas o Adriático não cessa de me trazer os seus soluços... que ecoam dentro de meu saudoso coração!

Morto tragicamente a mando de desafeto antagonista político, por um campônio assalariado, o infortunado titular acarretou a morte de sua dedicada esposa que, não resistindo à dor desse infausto acontecimento, buscou a proximidade do mencionado mar e atirou-se às vagas que o inesquecível companheiro de existência tanto amava...

Ficou o unigênito do infortunado casal, Cláudio Solano, à mercê das refregas das paixões desnorteantes, que sempre assaltam quantos, inexperientes da vida social, se vêem na posse de consideráveis haveres, desprovidos da mágica bússola do amor paterno para os nortear em horas de borrascas morais. Ainda muito jovem, começou ele a percorrer longínquas paragens e, só depois de haver despendido vultosa fortuna, retornou ao Solar das Sereias, que herdara de seus maiores, fatigado das longas jornadas e das pelejas sangrentas, após o imprevisto desaparecimento de S. Luís – sob cujas ordens servira –, o qual foi completamente vencido pelos sarracenos.

De temperamento impetuoso e arbitrário, sabia ele, contudo, dominar os impulsos agressivos à custa de muito esforço e do apuro mental em que fora criado, pois seus genitores lhe haviam dado primorosa instrução. Regressara saudoso de seu mais fiel amigo, companheiro de infância e de armas, o jovem Marcelo Taciano, filho dos proprietários do castelo próximo ao seu, consorciado com uma encantadora tessaliana, Dionéia Isócrates, possuidora de

peregrinas virtudes cristãs. Não havia quem, ao vê-la, não sentisse um deslumbramento inevitável: de mediana estatura; tez alva qual a neve dos Alpes, com um tom de alvorada primaveril nas faces esculturais; opulenta e veludosa cabeleira, ondulada, cor de topázios, com a mesma tonalidade dos maravilhosos olhos, sempre melancólicos, que não revelavam a arrogância das Vênus terrenas, e sim a candura irradiada das almas imaculadas, tão belos e sonhadores quanto os das mais formosas vestais e que pareciam ter por missão alimentar o fogo sagrado no altar da pureza e do amor incorruptível nos corações que abrigam os mais excelsos sentimentos...

Pouco tempo havia decorrido após o regresso de Cláudio Solano, quando um outro trágico sucesso abalou os habitantes dos dois solares: aparecera, com o coração atravessado por um punhal envenenado, o piedoso Marcelo Taciano! Ninguém pudera suspeitar sequer, por muito tempo, qual o móvel do crime, pois a vítima era de índole pacífica e não contava inimigo ostensivo...

Nenhum adversário conhecido possuía o assassinado, geralmente benquisto, não sendo de prever tal epílogo sangrento, que fora consumado, não em horas tardias, de trevas e silêncio, em noite sinistra e procelosa, iluminada apenas pelas serpentes celestes – os coriscos – e sim ao crepúsculo de um dia primaveril...

Tanto Marcelo quanto Cláudio eram, como dissemos, de origem napolitana, e, embora afastados das injunções governamentais, já haviam prestado o tributo bélico, além do Mediterrâneo – na Palestina. Eram, pois, ambos há-

beis guerreiros, adestrados nas pugnas mortíferas, manejando as armas brancas com admirável perícia, sendo difícilimo a qualquer contendor evitar os certos golpes de tais adversários...

Haviam sido amigos e contemporâneos desde os estudos iniciais. As famílias de ambos sempre mantiveram perfeita cordialidade, fraternalmente, nas terras que se limitavam.

Marcelo Taciano era de compleição delicada, trigueiro, ainda que de elevada estatura, olhos negros e fúlgidos, revelando intensa melancolia ou a previsão do fim que o aguardava naquela existência; pois, precisamente quando conquistara a almejada ventura (ditosa aliança com a fascinante e nobre jovem que seus tristes olhos tinham contemplado com amor), teve interceptada, por ignorado sicário, a vida preciosa, em pleno sonho da juventude.

Cláudio Solano, em antítese do companheiro de armas, era claro, de olhos glaucos, com reflexos de aço polido, revelando a ascendência materna, que provinha de antigos gauleses transalpinos, já mesclados com os germanos. Estavam ambos intensamente vinculados pelo destino, desde que saíram da primeira infância, embora os temperamentos fossem antagônicos: Marcelo era de gênio calmo, ponderado, generoso e compassivo; Cláudio, arbitrário, destemido, capaz de atos heróicos ou degradantes – conforme os impulsos vulcânicos de seus indomáveis sentimentos! Viveram, contudo, ambos, na mais estreita cordialidade, tolerando-se mutuamente, e jamais houve dissensões entre os dois, até que Marcelo apareceu com o coração fendido por mortífero punhal corso... Seus abas-

tados genitores para ali haviam dirigido os passos, na persuasão de viver em harmonia com os naturais da Dalmácia, adquirindo dois solares de majestosa beleza arquitetônica, quase nas fronteiras do Epiro.²

Para a construção das duas senhoriais habitações foram contratados famosos artífices atenienses, que as fizeram um primor de arquitetura greco-romana, recebendo as designações de Solar do Cisne e das Sereias, das famílias de Marcelo Taciano e Cláudio Solano, respectivamente. Na fachada da primeira havia uma pintura simbólica, representando um lago cor de turquesa, onde vogava a ave sonhadora e nívea que, antes de cerrar os olhos à luz da vida, vibra, pela derradeira vez, a canção de despedida do mundo que vai deixar, às vezes com incontido pesar...

Dominavam os dois castelos o cimo de uma colina, semelhando ambos formosas magnólias de mármore alvitente, desabrochadas nos régios e extensos jardins que os rodeavam, unindo-se às árvores dos pomares, ora repletas de flores, ora de frutos dulçorosos...



Por uma tarde de nevasca, em plena estação hibernal, foram acolhidos modestos viandantes, exaustos de longa jornada com rumo à Tessália,³ e que chegaram ao Solar do Cisne sem recursos pecuniários, desprovidos de víveres, de-

² Região da antiga Grécia, ao sul da Macedônia, onde estava o célebre oráculo (ruído proveniente de floresta próxima ao templo de Zeus) de Dodona.

³ Região da Grécia.

salentados pelos embates da adversidade. Compunha-se a aludida família de quatro pessoas: um casal, aparentando mais de nove lustros de existência; um rapaz, de vinte anos de idade, Apeles; e sua irmã, Dionéia Isócrates, mais jovem e dotada de indefinível formosura pela inexcedível e divina estatuária – a Natureza.

Alva qual o jaspe da Morávia,⁴ cabelos ondulados e olhos de topázio refulgente, tez aveludada e rósea, lábios de rubro coral da Sicília, parecendo uma viva e celeste escultura de Cleômenes⁵ que houvesse produzido sua obra-prima. Havia uma dúcida melancolia em seu olhar, mais sedutor do que um lampejo de alegria, porque reveladora de sigilo pungente do coração, que antevia, por intuição supranormal, um porvir de amarguras, insondáveis por aquela época...

Os genitores de Marcelo Taciano, compadecidos da situação angustiosa em que se encontravam os infortunados romeiros – que afirmavam ter já possuído vultosa opulência e, então, arruinados, se dirigiam para a Tessália, onde lhes restavam alguns imóveis e parentes –, ofereceram-lhes acolhedora hospedagem.

Exausta da longa viagem que empreendera, em péssima caleça, a mãe da encantadora Dionéia adoecera gravemente, e, tendo-se agravado subitamente a enfermidade cardíaca que, havia muito, a torturava, desprende a alma compungida, no Solar do Cisne, despertando a comiseração de todos.

⁴ Região da Europa Central, que forma a parte oriental da República Checa.

⁵ Cleômenes III – Rei de Esparta (220 a.C.).

Márcio Taciano, o nobre senhor do castelo, para não vexar os abrigados com suas generosidades de verdadeiro cristão, durante a enfermidade da desditosa extinta – segundo o julgar humano – propôs a permanência de Túlio Isócrates em suas terras, nomeando o jovem Apeles administrador das propriedades, pois, precisamente por aquela época, havia falecido quem por muito tempo desempenhara o referido cargo, dando isso margem a que se instalasse no Solar do Cisne, definitivamente, a enlutada família.

Honestos e laboriosos, os três restantes passaram a viver, em plena harmonia, com aqueles que os haviam socorrido em horas de penúria desalentadora... Marcelo que, então, já contava cinco lustros de idade, não pôde ser insensível à helênica formosura de Dionéia, que correspondeu, com afeto leal e gratidão indefinível, à indômita paixão que havia inspirado, e, assim, o bronze estelar do amor espon-salício ligou por todo o sempre dois corações repletos de esperanças e sonhos de venturas ilimitadas...



Apeles e Dionéia eram cultos e revelavam apuro social, sendo exímios harpistas. Uma brusca perda de fortuna fê-los lançar mão do que haviam aprendido e davam audições públicas, que enlevavam os assistentes, tal a magistral interpretação com que executavam as mais famosas partituras daquela época. Na penosa decadência de fortuna em que estiveram, foi mister a venda dos amados instrumentos que dedilhavam com maestria; mas, por uma compensadora magnanimidade do destino, encontraram, no solar que os

abrigou, as harpas que haviam perdido – como que ressuscitadas – em um de seus vastos salões! Foi assim que, inesperadamente, após alguns meses do passamento da adorada genitora, puderam ambos deleitar os que tiveram a felicidade de os escutar, executando um dos mais célebres instrumentos dos israelitas, dentre os quais deixou luminoso sulco o famoso David, o rei-profeta, que deveu grande parte de seus triunfos à harpa inolvidável, a qual possuía – como todas as outras congêneres – a graciosa forma da asa decapada de alguma águia sideral, ferida em pleno infinito e caída aos pés do famoso intérprete das inspirações celestes...

Da convivência das duas famílias – embora de raças diferentes – resultou a centelha divina do amor que, desde logo, ligou os corações de Marcelo e Dionéia, que fantasiaram uma imarcescível ventura, longa e tranqüila existência, abrigados na quietude daquele castelo, que lhes pareceu haver sido edificado para os isolar do bulício dos grandes centros populosos, ilhando-os do mundo vário, para que infinita fosse a felicidade de ambos em plena idade das fantasias e das áureas ilusões! Os genitores dos enamorados aprovaram, com demonstrações de júbilo, a veemente afeição daquelas almas leais, deliberando que os nubentes permanecessem no Solar do Cisne, pois lhes faltava ânimo para deixar partirem aqueles seres bem-amados – verdadeiros fragmentos dos corações paternos – que anteviam incalculáveis encantos para ambos, no transcurso da vida.

Somente Gelcira, a consorte de Márcio Taciano, não manifestou o mesmo entusiasmo de todos do alcáçar, porque algo de secreto, de desolador, de inexprimível presságio lan-

çou uma gota de fel no âmago do seu seio de mãe extrema, sem que pudesse explicar quem lho tinha vertido no mais precioso dos órgãos – o coração – que desvenda, às vezes, os arcanos do porvir caliginoso.

Tudo, porém, transcorreu em paz, e em alegria foi efetuado o enlace matrimonial da formosa Dionéia com o unigênito dos senhores do Solar do Cisne, parecendo que um halo de felicidade pairava na frente de quantos assistiram às pomposas núpcias.

Uma tarde, inesperadamente, chegou ao belo alcáçar outro personagem, Cláudio Solano, a que já nos referimos, após prolongada excursão pelo Egito e pela Etiópia, saudoso de rever o inesquecível amigo e companheiro de infância, recém-consorciado, o qual, um lustro antes, juntamente com outros conterrâneos co-participara das últimas Cruzadas, que fracassaram, no reinado de Carlos d'Anjou, rei da França, irmão do desditoso Luís IX, denominado S. Luís.

Cláudio Solano, depois dos trágicos sucessos ocorridos na família, dos labores bélicos e de longas peregrinações pelo Oriente, regressou ao Solar das Sereias, com o coração desolado, oprimido pelas penosas recordações de seus desditosos progenitores...

Sendo ambos, ele e Marcelo, filhos únicos de casais opulentos, viviam sem preocupações de ordem financeira, e aliaram-se mais intimamente durante as refregas das Cruzadas, ligados por estreita afeição fraternal. O retorno de Cláudio Solano foi recebido por Marcelo com demonstrações de intenso contentamento, pois estava ansioso por lhe apresentar a encantadora consorte, cuja beleza helênica era

o alvo irresistível de todos os que tinham oportunidade de conhecê-la, confessando que jamais lhes fora dado contemplar uma estátua humana que a excedesse nos traços primorosos, ultrapassando os das concepções de Fídias,⁶ que jamais pôde suplantar a divina escultora – a Natureza!

Cláudio Solano era mais alto e robusto do que o amigo e consócio de armas. Tendo realizado prolongadas e dispendiosas excursões por longínquas paragens do antigo e único dos continentes de antanho, adquirira hercúlea robustez e invulgar cultura a respeito dos hábitos, literatura e filosofia de vários povos, excitando a admiração dos que tinham ocasião de lhe ouvir as proveitosas narrativas. Inteligência lúcida e multiforme, empolgava pela palavra, parecendo inspirado pelos numes⁷ siderais. Era alvo, embora tisonado pelos sóis das longas jornadas, cabelos acentuadamente louros, com reflexos de labaredas. Dir-se-ia ser um atleta, invencível, do Coliseu romano.

O retorno ao castelo onde viveram seus maiores e que todos julgavam abandonado pelo único herdeiro, causou regozijo no próprio solar, tanto quanto no de seu amigo Marcelo Taciano. Por vezes, os afeiçoados e conhecidos que o visitavam, maravilhados com as suas digressões históricas ou filosóficas, aplaudiam-no com incontido entusiasmo.

Insensivelmente, porém, depois de alguns meses de permanência no seu alcáçar, artisticamente reconstruído, visível metamorfose se operou no proceder do erudito castelão;

⁶ Escultor grego (490-431 a.C.).

⁷ Divindade, poder celeste; deuses do Paganismo.

por alguns dias tornou-se incomunicável, permanecendo no Solar das Sereias, atendendo somente ao administrador, quandourgia alguma solução referente aos serviços dos campônios, tratados com rispidez.

A transformação radical operada no proceder de Cláudio não podia deixar de causar reparos e comentários dos que lhe conheciam a verbosidade e o gênio folgazão. Ele se escusava a todos que o interrogavam, afirmando estar enfermo, causando-lhe os sofrimentos que o acometeram grande depressão moral... que, talvez, o levasse ao túmulo. Foi chamado ao castelo um ervanário grego, que lhe prescreveu diversos infusos vegetais e várias precauções alimentares, pois havia verdadeiro desequilíbrio circulatório, que podia ser-lhe fatal. À indefinível alegria causada com o retorno de Cláudio Solano ao alcáçar, sucedeu incontida tristeza...

Foram suspensas as ruidosas reuniões no Solar das Sereias, onde grande se tornou a preocupação motivada pela precária saúde de seu temido senhor. Raramente saía ele, fazendo apenas algumas excursões a pé, parecendo estar pesquisando os arredores do castelo, demorando-se em pequena propriedade que ficava nos limites de suas terras com as do Solar do Cisne, onde raramente aparecia, proferindo, então, limitadas palavras. Raro era o dia em que recebia um amigo, sendo notável a mudança operada na indumentária, exceto quando ia retribuir as visitas de Marcelo Taciano, caso em que observava desusado apuro no trajar e até na linguagem de poliglota.

Em vão, o amigo de infância o interrogou sobre a causa de sua estranha transformação: a todas as arguições amistosas respondia com evasivas que deixavam em dúvida incessante

os mais íntimos. Certa noite, bruscamente, dissera ele a Marcelo haver falecido, em Nápoles, sua prometida esposa...

Marcelo tentou confortar-lhe o amargurado coração, até então invulnerável às invisíveis setas dardejadas por Eros.⁸

Às vezes, ficavam Marcelo e a formosa consorte, no salão nobre ou no parque do solar, tentando lenir a mágoa do desditoso amigo.

Dionéia, sempre solícita e compassiva, proporcionava-lhe conselhos que eram acolhidos em silêncio, porém, com reconhecimento, pelo malogrado noivo. Ela, que era exímia harpista, em conjunto com Apeles enlevavam os assistentes com as mais suaves harmonias. Uma noite, estando apenas os dois cônjuges e Cláudio no varandim do castelo, os genitores de Marcelo mandaram chamá-lo para lhe comunicar certa ocorrência com um dos campônios, vítima de um acidente de trabalho, no qual teve decepado o dedo indicador da mão esquerda.

Indômita tristeza empolgava o então taciturno Cláudio, naquela tarde. Marcelo havia tentado, de forma vã, confortar-lhe as mágoas.

Ficando a sós, por momentos, com a formosa consorte do amigo, seus olhos lampejaram semelhantes coriscos em céu proceloso, ou como se o cérebro, incendiado por chamejante pensamento, transmitisse labaredas pelas órbitas. Notável mutação se operou na fisionomia de Solano que, com vulcânico fulgor no olhar, fitou a aturdida Dionéia, interpelando-a com angústia:

⁸ Deus do amor, na Grécia.

– *Domina*,⁹ conheceis a causa real do invencível pesar que me apunhala o coração?

– Sim... a morte prematura de vossa adorada noiva – respondeu, empalidecendo de emoção e surpresa.

– Não percebestes ainda, com a lúcida inteligência que possuís, *domina*, que sois a causadora de meu padecer, cujo desenlace, certamente, será trágico?

– Não, *domine*!¹⁰ Vossas palavras apavoram-me!... Eu, que tenho procurado suavizar-vos a dor moral, que julgava sincera, como posso ser a sua causadora?

– Porque... sois a mais perfeita arte viva que conheço e que, infelizmente, já pertence a outrem!...

– Como, *domine*? É assim que retribuís o afeto do mais digno de todos os homens que conheço – Marcelo Taciano?

– Não há tempo para digressões filosóficas... Depende de vossa resposta... o futuro de muitas criaturas... Sabeis que sou muito mais opulento que... vosso esposo?

– Não o amo pelo que ele possui nos cofres, e sim pelas nobres qualidades morais, *domine*! Mesmo que não o amasse... ser-lhe-ia eternamente grata pelo acolhimento que me dispensou e aos que constituem minha família!



Entorpecente silêncio reinou no ambiente. Ouvia-se o rumor dos corações frementes. Às súbitas, Cláudio, envolvendo o pálido rosto de Dionéia com o olhar em fogo, murmurou, vagorosamente:

⁹ Senhora.

¹⁰ Senhor.

– *Domina*, preciso obter a certeza do que se passa em vosso íntimo, pois já não posso sufocar o que ocorre no meu coração louco... e desatinado!

– Serei, sempre e sempre, fiel a meu esposo. Além do afeto que lhe consagro e a seus dignos genitores, sinto por todos perene gratidão! Nunca me esquecerei do que fizeram por mim e por meus parentes, em horas aflitivas!...

– O que ele fez por vós... não foi por magnanimidade, e sim fascinado pela vossa incomparável formosura; qualquer homem teria feito o mesmo de bom grado... apenas por um olhar vosso... que eu julgo filtro enlouquecedor! Achais, por acaso, menos nobre o amor do que o reconhecimento?

– Sim, porque é cego! Porque faz esquecer o amigo de ontem... para tentar seduzir-lhe a esposa leal e casta! – exclamou Dionéia, purpureando-se, aumentando infinitamente o fulgor dos olhos indefiníveis e a beleza de que era dotada. – Amo e sou grata a Marcelo e a seus pais pelo que fizeram por mim e pelos que me são caros, em horas angustiosas... Por eles sacrificarei, sem pesar, a própria vida, se assim for mister!

– A sorte está lançada! *Alea jacta est!*¹¹ Assim, não posso mais prolongar o meu martírio... Antes jamais houvesse voltado a esta região, que ora se me afigura maldita... Sofri, nos primeiros tempos da adolescência, dois golpes profundos com a morte trágica de meus pais, e agora, que vim tangido pelas desilusões e amarguras da existência, busco conforto em um lar fraterno, porém, mais do que outrora

¹¹ Palavras atribuídas a César, quando passou o rio Rubicão, contrariando as ordens do Senado Romano.

o punhal da dor me vibra outro mortífero golpe. Não tendes uma palavra de compaixão, e sim de censura, para a minha desdita... Estou fascinado por vossa dupla formosura – moral e física –, pois reconheço a vossa virtude, que me flagela com indescritível tortura! Percorri a metade do planeta, e em parte alguma encontrei perfeição igual à vossa, porque, além de formosa, sois artista e inteligente!

– Tudo isso, *domine*, a meu ver, não tem o merecimento que possui a virtude. Esta, sim, sobrepuja todos os predicados que enumerastes! Um ente, para mim, belo, talentoso, abastado, mas sem moral, não vale tanto quanto um humilde ser, de feições imperfeitas ou mesmo monstruosas, porém que saiba cumprir os seus deveres terrenos, seja honesto e incapaz de uma perfídia ou de uma falta de lisura...

– Compreendo a altivez de vossas expressões, *domina*, e sempre havia pensado de igual forma, até ao dia em que, embevecido, fitei o vosso vulto sedutor... Fui atingido, em pleno coração, pela seta ensalmada de Eros, que transformou os meus próprios sentimentos de honorabilidade, sendo, agora, capaz de perpetrar as maiores heroicidades ou degradações para ouvir, de vossos lábios, uma palavra animadora... Eu compreendia todos os deveres morais – pois fui criado na escola da honra e da probidade –, mas fiquei alucinado desde que percebi que, na Terra, não posso, jamais, encontrar uma criatura que tenha o vosso porte, vossa formosura e vossa castidade. Como pude olvidar a lealdade consagrada a um amigo de infância e irmão de lutas guerreiras? Como pude esquecer esse irmão que o destino me concedeu, tornando-me seu indigno rival?

– E as vozes da consciência não bradam em vosso íntimo, aconselhando não pretender aviltar e destruir o lar de um irmão, pois somente por meio de um crime, ou de traição – que é um dos mais hediondos delitos morais – podereis conseguir o que ora confessastes à fiel esposa desse irmão de quem fostes amigo?!

– Estou desvairado, e não retrocederei, sejam quais forem as conseqüências resultantes!

– É lamentável o vosso proceder, *domine!*

Pronunciadas estas palavras pela nobre Dionéia, apareceu um servo, levando, em salva de prata fosca, vinhos e doces deliciosos. Logo após, chegou o generoso Marcelo.

Cláudio estava visivelmente soturno e contrariado, recusando tudo quanto lhe foi oferecido pelo servo e pelo amigo.

Ao retirar-se, com voz grave, o senhor do Solar das Sereias, falou:

– Marcelo, fui hoje chamado ao leste da Grécia, onde tenho negócios a realizar. É provável que, por algum tempo – cuja duração é impossível precisar –, eu me ausente desta região. Tenho, pois, forçosamente, de abandonar o conforto deste abençoado lar. Devo, porém, agir, consultando os meus interesses do *momento atual*. Se eu não partir, grande será meu prejuízo! Embora a vida não me seduza mais, opino que os nossos direitos só se devem renegar com a morte... Vou lutar com aspérrimos adversários, e talvez seja vencido... Que interesse tenho, porém, em viver ou morrer, se a minha desdita jamais terá um termo senão no abismo de um túmulo?

– Por que chamas de desventura o que foi determinado por Deus – o Juiz Supremo? Quem sabe se a desdita de hoje seria real desgraça, no futuro insondável? Devemos, pois, ser sempre resignados com os desígnios divinos, conformando-nos com os sucessos que conosco se relacionam.

– Tu tens uma crença que te conforta em todos os instantes de amargor, e eu não a possuo, embora tenha pelejado no exército de S. Luís. Não lutei pela fé, e sim por amor à peleja. Não sei, agora, se serei vencido pela fatalidade, ou se poderei exterminá-la qual se fora dragão enfurecido!... Talvez seja esta a derradeira vez em que nos vejamos. Não me conformo com as leis despóticas do destino, às quais não me entrego sem restrições, nem desejo ser por elas exterminado! Desculpai-me o ter vindo entristecer-vos, perturbando a felicidade mais completa que vi neste planeta repleto de lágrimas e desilusões tremendas! Adeus! Não choreis por minha causa... Não sou digno de vossos prantos...



Um ambiente de apreensões e penosas conjeturas pairava no Solar do Cisne, até então invejavelmente o abrigo da intensa ventura desfrutada por todos que o habitavam. Dionéia retirou-se da sala por momentos. Marcelo fitou o amigo, à hora de sua partida para local ignorado, e, com os olhos fulgurantes de lágrimas, falou-lhe:

– Meu amigo, há muito suspeitava que uma grande dor ou um veemente pesar tortura o teu coração sensível, e esperava que me revelasses o que ora percebo claramente...

para poder confortar os dissabores que te excruciam o nobilíssimo coração. Tens, porém, guardado impenetrável segredo que ora compreendo: disseste haver perdido uma noiva adorada, que eu ignorava tivesses! A mudança que se operou em teu físico, e principalmente no teu proceder, tudo me revelava o domínio de avassaladora angústia. Por que, porém, não me desvendas a verdade, por mais dolorosa que seja? Em qual outro coração amigo poderás melhor expandir os teus mortificantes pesares?

– É bem certo, Marcelo, o que me disseste, mas não devo patentear o que me aflige, para que não se perturbe a lídima felicidade que existe no teu lar bendito. Sempre fomos amigos extremosos. Ligou-nos o destino indecifrável, na infância e no vigor da juventude. Terçamos armas no mesmo contingente. Nunca nos desunimos por motivos frívolos. Nossos desejos sempre foram idênticos. Há, porém, em nossas existências situações especialíssimas, que constituem sigilos impenetráveis, que somente no túmulo podem ser desvendados ou terminar. Tenho pensado, seriamente, em exterminar a vida, que se me tornou insuportável. Estive no Egito, e de lá trouxe diversos tóxicos letais que, em poucos instantes, podem aniquilar o martírio de uma inútil existência! Para que continuar a viver, se não terá fim, jamais, o meu martírio moral? Sou o único sobrevivente de três irmãos, mais idosos do que eu. Meus pais tiveram um desfecho dramático da vida terrena. Se há destino traçado por um Ser Superior às misérias deste mundo, foi bem cruel quem delineou o meu e o de minha família. Parece que somos uns falidos, malditos pelos deuses... do Céu ou

da Terra! O fracasso de meu noivado, no qual punha toda a esperança de umas migalhas de ventura... desnor-teou-me! Devo desaparecer do cenário do mundo.

– Não debes nutrir esses pensamentos desconsoladores que destroem as energias e as venturas porvindouras, Cláudio! – redargüiu Marcelo, empalidecendo mais do que o era normalmente. – Bem sabes que temos uma alma imortal, e esta é a responsável pelos crimes que cometermos. Pensas encontrar a inércia absoluta no fundo do sepulcro; mas só a tem o corpo físico, pois nossa alma sobreviverá, e assim o será por toda a consumação dos séculos! Tu te libertas de uma dor terrena, necessária à purificação de teu espírito... e vais cair no vórtice, na cratera de outros sofrimentos inomináveis!

– Quem prova, categoricamente, quanto acabas de dizer, Marcelo? Quem está iludido, eu ou os que pensam da forma por que expressaste? Quais os utopistas, eu ou os sonhadores? Quem poderá provar, matematicamente, que Platão e Jesus estavam com a verdade, quando afirmaram que a alma é imortal e indestrutível? Hipóteses e absurdos não podem ser realidades insofismáveis! Só creio no real, no que se comprova pelos sentidos, e não em fantasias filosóficas... A vida, já que é nossa, pertence-nos legalmente e ninguém tem o direito de intervir nela: podemos conservá-la ou destruí-la, a nosso bel-prazer! Eis a minha teoria...

– Teoria nefasta, a que professoas, Cláudio! Se assim conjeturas, também não debes considerar a vida humana digna de acatamento, pois, se não crês na sobrevivência da alma, sabendo que a trajetória humana, neste mundo, é um relâmpago entre duas eternidades – o passado e o porvir –, tendo o

desejo ardente de realizar algum anelo, tu o conseguirás com a violência de um ateu, não acatando os direitos alheios para que o possas satisfazer. Por que hás de ser probo e leal, se tens a certeza de que a virtude não ultrapassa os limites de um túmulo?

– Dou cabimento às tuas ponderações, e também já pensei como acabas de expor; mas agora, que a mais cruel desilusão me oprime o infortunado coração, entendo que não se deve deixar para o *amanhã* – sempre obscuro e incerto – o que se pode efetuar *hoje*, que é o único tempo real que se conhece: quem encontrar um tropeço na estrada da vida, deverá retirá-lo, sem escrúpulos, de qualquer forma, e passar avante! Os obstáculos existem para que sejam vencidos e não respeitados! – concluiu Cláudio Solano, empalidecendo visivelmente.

– Apavoram-me as tuas palavras, Cláudio! – respondeu Marcelo, tornando-se lívido. – Sempre te conheci leal e respeitoso às Leis Supremas que, incontestavelmente, regem a vida humana! Jamais um crime deixa de repercutir no íntimo, qual látigo de fogo vibrado por mãos invisíveis: quem é delinqüente não pode fruir tranqüilidade, havendo no âmago um autocastigo, um tribunal divino que se chama Consciência! Se não fora isso, ninguém poderia tolerar outrem, abastado e feliz, ao passo que ele estivesse em penúria e infortunado. As mulheres belas seriam conquistadas a punhal e violências.

– És psicólogo, meu amigo! – murmurou Cláudio, ficando marmóreo, bruscamente. – Sempre agi dentro do direito e da justiça; sempre fui probo e ponderado; bem

conheces o meu caráter, ao qual fizeste referências inúmeras vezes; mas, ultimamente, parece-me que houve um cataclismo destruidor dentro de mim, demolindo os meus mais nobres ideais, tudo quanto de mais sacrossanto existia no meu ego, deixando-me desarvorado e com o coração em estilhaços! Estou, realmente, em situação desesperadora: não recuarei perante um obstáculo, mesmo precisando praticar tenebroso crime – se tal for mister para diminuir minha desdita...

– É horrível o que dizes, Cláudio! Tudo isso provém do insucesso de teus amores?! Não sabes que o futuro é indistinto, e, talvez, a realização de teu sonho sponsalício resultasse, no porvir, em verdadeiro fracasso da tua aspiração de felicidade, podendo ser traído ou desventurado com a eleita de tua alma, indigna da afeição que lhe consagraste? Disseste que tinhas suspeita de seu afeto, e mulher perjura, que não agia com lealdade, não merece tantas demonstrações de pesar, nem uma lágrima sequer! Estás enlouquecido, só porque era linda a tua eleita? Raras são as mulheres formosas que têm a inteireza de caráter como a possui a minha querida Dionéia, que, felizmente, é bela na alma, no físico e no moral! Ouve-me, pois, Cláudio: tens necessidade de esquecer a pérfida e, mais tarde, perdóá-la, por preceito cristão, que urge pões em execução cabal: o amor só deve existir quando partilhado e, em hipótese nenhuma, quando repelido ou desprezado.

– É o que ignoras, Marcelo, porque encontraste uma companheira de existência, tão casta quanto formosa. Ela, porém, que te abandonasse, ou fosse infiel, e não poderias

esquecê-la, por mais esforços que fizesses, e, apesar da repulsa e da perfídia, continuarias a consagrar-lhe afeto, que aumenta na razão direta da afronta recebida! Teu coração, apunhalado de dor, continuaria a palpitar pela traidora e tirana. Saberias, então, no caso vertente, o abismo de sofrimentos que existe no meu, que, por vezes, tenho tentado esfacular com um acerado punhal...

– Compreendo, amigo, toda a vastidão do sofrimento que te empolga a alma; porém, em idêntica situação (o que imploro a Jesus jamais aconteça!), eu faria o possível por expulsar de minha mente a imagem da traidora, por indigna da afeição ilibada que eu lhe dedicara, e iria empregar o meu amor em outras criaturas mais merecedoras do meu afeto, consagrando-o, tal qual Jesus, aos desventurados, aos que têm sede de justiça, de carinho e proteção.



Houve uma pausa na palavra das duas personagens. Às súbitas, interrompeu-a Cláudio:

– Tens uma crença, que não existe no meu íntimo! E se não encontrasses, jamais, a quem consagrar a tua afeição? E se fracassasse o teu mais belo ideal terreno?

– E onde faltam desditosos, nos quais possamos, protegendo-os e amparando-os, encontrar inestimável conforto para o torturado coração, Cláudio? Que mais belo ideal poderá conceber alguém do que o da felicidade eterna, conquistando-a por meio da dor, do cinzelamento moral, do bem praticado, do amor ao próximo e a Jesus? Quem poderá destruir essa aspiração, que é a do próprio e Divino

Emissário? Pensas, acaso, que eu, sendo traído no amor, buscaria outra mulher? Não, absolutamente não! Dedicaria o meu mais puro afeto a meus pais, o meu fervoroso amor fraterno aos infelizes, que só não descobres onde se encontram porque não entras nas choupanas humildes, nos tugúrios misérrimos, não enxergas as mãos contraídas pelo frio e pela falta de alimentos, as crianças que soluçam por um pedaço de pão, que os pais, às vezes enfermos ou desempregados, não lhes podem fornecer... Buscaria, pois, crianças desvalidas, velhos em penúria, e, assim, na execução do bem, da seara de luz do Mestre amado, encontraria o repouso para meu coração, pois, para mim, só há uma ventura completa sobre a Terra: a paz de nossa alma, a conquista da felicidade eterna, que se refugia no Céu, por meio de ações nobres, do dever cumprido rigorosamente, dos atos meritórios! A ventura... conseguida por intermédio de um crime não é ventura: chama-se remorso, déspota incessante!

– Assim desejava proceder, Marcelo – respondeu o interlocutor, empalidecendo novamente. – Mas, desde quando me capacitei de que não se respeitam direitos alheios, havendo os que defraudam os cofres públicos, fazem pilhagens após os triunfos bélicos, os que desonram os lares, e justamente quem assim procede é afortunado, desfruta regalias sociais, conquista as mais formosas mulheres; por que hei de continuar recalçando sentimentos que desejam expansão, acatar o alheio, cultivar a amizade e amar sem ver correspondido meu intenso afeto? Não é o mal o soberano do mundo? Para que a loucura da bondade?... Para ser esmagado pelos maus, como aconteceu ao insano galileu... Jesus?!